

# Cronologia dos quadrinhos de Ciça na imprensa brasileira

## Chronology of Ciça's comics in the Brazilian press

Paulo Ramos<sup>1</sup>

Universidade Federal de São Paulo

Ana Cristina Carmelino<sup>2</sup>

Universidade Federal de São Paulo



10.11606/2316-9877.2023.v11.214933

### Resumo

Propõe expor e documentar a trajetória dos quadrinhos produzidos por Ciça, uma das primeiras artistas a produzir tiras cômicas nos jornais brasileiros. A importância histórica da autora contrasta com a falta de uma cronologia detalhada de sua atuação na imprensa, lacuna que este estudo pretende preencher. Os resultados mostram que os trabalhos gráficos dela perpassam décadas e não se resumem à sua série mais conhecida, *O Pato*.

**Palavras-chave:** Ciça (autor). Tiras cômicas. Imprensa.

### Abstract

It intends to expose a trajectory of the comics produced by Ciça, one of the first artists to produce comic strips in the Brazilian newspapers. The author's historical importance contrasts with the lack of a detailed chronology of her performance in the press, a vacuum that this case study aims to fulfill. The results show that her graphic works span decades and are not limited to her best-known series, *O Pato*.

**Keywords:** Ciça. Comic strips. Press.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCCH/USP). Docente do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo: E-mail: [contatopauloramos@gmail.com](mailto:contatopauloramos@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9348-4176>.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/CAr). Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: [anaciscarmelino@gmail.com](mailto:anaciscarmelino@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7576-0595>.

## Introdução

Uma imagem diferenciava a capa da edição de 23 de fevereiro de 2020 da *Folha de S.Paulo*. Uma tira cômica dividia espaço com as manchetes do dia. Tratava-se do retorno de *O Pato* às páginas do jornal, que publicou a série entre 1967 e 1985. Retorno também da criadora dele, Ciça, forma como Cecília Whitaker Vicente de Azevedo Alves Pinto assinava seus trabalhos. Era Ciça o foco da notícia. O contato com a cartunista fazia parte de um resgate de pessoas que fizeram parte da trajetória do grupo de mídia, que completava cem anos. A tira (figura 1) foi feita especialmente para marcar a reportagem com ela:

Figura 1 – Retorno de *O Pato*



Fonte: *Folha de S.Paulo*, 23 fev. 2020. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 01 ago. 2023.

A reaparição de *O Pato*, ainda que pontual, manteve três marcas centrais da série: uso de animais como personagens, crítica à situação política do país e utilização de metáforas para se referir às autoridades. Os alvos da vez eram o então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (rotulado como “rainha”), os três filhos dele (Flávio, Carlos e Eduardo, todos com mandatos eletivos e muito próximos ao circuito decisório do pai), os militares que ocupavam cargos federais e um “astrólogo”, menção a Olavo de Carvalho, tido como um dos ideólogos teóricos do governo. A tira fechava com uma crítica: eles “reinam e ninguém governa”.

A matéria sobre Ciça, então com 80 anos, evidenciava a relevância histórica da cartunista, “uma das raras presenças brasileiras nas publicações diárias” (Moraes, Severino, 2020, s.p.). A reportagem registrou parte da trajetória dela na imprensa, em particular na *Folha de S.Paulo*, mas não expôs os demais quadrinhos feitos por ela em outros veículos da imprensa, inclusive a alternativa.

Como em outras entrevistas com ela e também no que se identifica no âmbito acadêmico, existe um contraste entre a relevância e o pioneirismo da autora na área das histórias em quadrinhos – aspectos costumeiramente destacados em referências a ela – e a lacuna sobre o corpo de sua produção, muitas vezes resumida a *O Pato*.

Este artigo se pauta justamente nessa contradição. A proposta é constatar a necessidade de maior detalhamento sobre a produção da desenhista e, ao mesmo tempo, documentar as publicações dos quadrinhos da autora na imprensa brasileira. Desse modo, pretende-se:

- expor como Ciça foi mencionada nos poucos compêndios de desenhistas brasileiros de humor gráfico e de quadrinhos, de modo a evidenciar que se trata de referências desacompanhadas de detalhamento, em que pese a importância da autora;
- esmiuçar cronologicamente a produção da desenhista, expondo os veículos de imprensa onde publicou, as características de seus quadrinhos e as datas em que foram impressos.

Essa segunda proposta irá tomar a maior parte da exposição. Como comentado, parte-se da premissa de que a relevância de Ciça, tão mencionada em referências a ela, carece de um detalhamento maior de seus trabalhos em quadrinhos, bem como de um estudo que reúna todas essas informações. É o que se propõe cumprir neste texto.

## 1 - O que dizem sobre Ciça

Há poucas entrevistas com Ciça. Apesar disso, elas fornecem material relevante para que se reconstrua sua biografia. A desenhista diz ter adotado o apelido na infância (Mais Malditos Cartunistas, 2018). Nascida em São Paulo, capital, em 2 de maio de 1939, mudou-se 13 anos depois para o Rio de Janeiro, onde morou entre as décadas de 1950 e 1970. Segundo seu próprio relato (Crescêncio, 2019), no Rio conviveu desde cedo com diferentes artistas. Foi nesse meio que se tornou amiga de Millôr Fernandes e Ziraldo, que produziam humor.

Em 1963, casou-se com Zélio Alves Pinto (irmão de Ziraldo), artista plástico e gráfico com quem teve três filhos. No início da década seguinte, retornou a São Paulo. A capital paulista só foi substituída por um período de sete anos, na década de 1980, em que morou nos Estados Unidos (MAIS Malditos Cartunistas, 2018).

Afora esses dados biográficos, há uma tendência no pouco que se redigiu sobre Ciça: o mínimo se resume ao básico sobre ela. É o que se depreende da análise de compêndios sobre humor gráfico e quadrinhos, áreas em que a produção da autora costuma ser incluída. Isso quando é incluída, posto que não é mencionada em obras sobre a trajetória histórica dos quadrinhos, como as de Feijó (1997), Patati e Braga (2006), Paraíso (2008) e Vergueiro e Santos (2011).

Começamos pelas obras brasileiras que reconstituem a trajetória dos quadrinhos. Nelas, encontram-se registros bastante econômicos sobre a desenhista. Os nomes “Ciça” e “Pato” são apenas citados nos trabalhos de Anselmo (1975, p. 72) e Cirne (1975, p. 12). No compêndio sobre mulheres brasileiras que se dedicam aos quadrinhos (Marino; Machado, 2020, p. 10, 24, 132, 143), há quatro menções a ela, creditada como uma das precursoras no país. Sua trajetória e a de seus trabalhos, porém, não é aprofundada.

Há também abordagens com pontos de vista distintos. Magalhães (2006, p. 54-55), por exemplo, faz um registro sobre o trabalho feito em *O Pato*, com foco no viés político cunhado nas histórias. O pesquisador sugere, portanto, que seja uma produção direcionada a um leitor adulto. Moya e Cirne (2002, p. 134), por outro lado, destacam que a mesma série comprovaria que o quadrinho infantojuvenil (e não adulto, como indicou Magalhães) “pode ser o mais inteligente possível”. Nos dois casos, houve apenas essa menção a Ciça.

Dois outros autores também fazem registros pontuais a ela. Vergueiro (2017, p. 60) a inclui entre os desenhistas da “Crás”, revista da editora Abril. Moya (1993, p. 194) dedica uma frase a ela ao mencionar jornais que publicavam tiras brasileiras. Quem aprofunda um pouco mais sobre a autora e suas produções são Goidanich e Kleinert (2011, p. 95) e Rocco (2020, p. 118).

Os dois primeiros dedicam a ela um verbete de sua *Enciclopédia dos Quadrinhos*. A dupla registra o nome completo de Ciça, informa que sua publicação mais famosa é *O Pato* e que a série teve mais de uma coletânea. De uma delas, foi reproduzido um trecho da apresentação, em que a desenhista

afirma gostar de contar histórias com quadrinhos. O verbete destaca também a crítica ao período militar feita em suas tiras e se diferencia ao registrar duas outras criações dela: *Bel* e *Bia Sabiá*.

*Bel* também é mencionada por Rocco. Ela é citada pelo autor em livro sobre tiras publicadas em diferentes partes do país durante o século 20 (Rocco, 2020, p. 19). *O Pato* também foi incluído em um dos verbetes, que detalhou veículos da imprensa onde a desenhista a publicou. Embora curta, a síntese é também a mais completa: registra passagens dela por *Jornal dos Sports*, *Folha de S.Paulo*, revistas *Crás* e *Realidade*. Esta última é uma informação nova, que não havia sido mencionada até então. O trabalho de Rocco também cita algumas das datas de publicação das histórias.

Ela é incluída – e, portanto, reconhecida – na *Antologia Brasileira de Humor* (1976, p. 117-122). Porém, o registro se limita a uma descrição de cinco linhas sobre onde nasceu e reside (São Paulo) e que, na época, publicava *O Pato*. Nas cinco páginas restantes, reimprimiam-se dez tiras cômicas da série.

Fonseca (1999) e Pimentel (2004) não trazem menções à autora. Ela nem mesmo é incluída na lista de “outros grandes nomes do humor (de imprensa) nacional”, em relação apresentada por Pimentel (2004, p. 70-109), embora ele inclua um “pedido antecipado de perdão por eventual esquecimento” de alguém. O mesmo autor não elenca Ciça em outra lista, a de pessoas que colaboraram para *O Pasquim* (Pimentel, 2004, p. 39).

A desenhista também não é mencionada no detalhado levantamento do jornal alternativo feito por Braga (1991). Contraditoriamente, é a participação da desenhista no periódico de humor o único registro feito por Cavalcanti (2005, p. 244) a Ciça. Essa participação dela foi o principal destaque dado também por Messias e Crippa (2017, s.p.). Cabe um parêntese sobre a presença dela n<sup>o</sup> *O Pasquim*, algo tão pouco detalhado. A maioria das menções alude ao fato de ela ter contribuído para um jornal importante e crítico à Ditadura Militar (1964-1985). Algumas não dizem, mas sugerem que a colaboração teria sido por meio de trabalhos gráficos.

Não. A atuação de Ciça se restringiu à participação como entrevistadora em ocasiões pontuais, como nas feitas com o ator e diretor Luiz Sergio Person e o compositor Astor Piazzola, ambas em 1973, e à escrita de alguns textos curtos, muitos deles publicados durante 1976 na seção “Pasquim Ti Vê”. Ela

contribuiu, portanto, apenas com textos escritos, e não com desenhos, informação que ela mesma confirmou aos autores deste artigo<sup>3</sup>. Dado que a proposta é mapear os trabalhos gráficos de Ciça, essa colaboração em *O Pasquim* fica apenas registrada.

No meio acadêmico, há casos de artigos que também fazem menções episódicas a respeito dela: Dantas (s. d.) menciona o jornal onde a desenhista publicou sua série; Silva (2013) observa inserção dela no humor gráfico produzido por mulheres; Messias e Crippa (2017), já citadas, destacam a participação dela n' *O Pasquim*; Santos (2019) comenta que o traço simples de Ciça ajudava a tornar o conteúdo disfarçado aos olhos dos censores.

Mas é no meio acadêmico também que se encontram exemplos de um tratamento mais detalhado sobre parte da produção da autora, a feita para os públicos infantojuvenil e feminino. No primeiro caso, destaca-se o minucioso levantamento feito por Guimarães (2016) do suplemento *Quadrinhos* (título iniciado no singular, “quadrinho”, e, depois, rebatizado no plural), publicado de 1972 a 1977 na *Folha de S. Paulo*. Por meio dos dados apresentados pelo pesquisador, pôde-se precisar quais foram as participações de Ciça no caderno e em quais datas.

No segundo bloco de artigos, os destinados à incursão da desenhista por jornais alternativos de e sobre mulheres, são cinco os trabalhos que se enfrontam sobre o tema, todos conduzidos por Crescêncio (2016, 2017, 2018, 2019), em escritos individuais ou em parceria (Crescêncio; Dantas, 2019). A pesquisadora tem como foco de interesse as histórias de Bia Sabiá, publicadas em jornais feministas e que teriam colaborado para ressignificar o papel da mulher na sociedade brasileira. Os estudos ajudam a resgatar a memória desses trabalhos da autora, tão pouco difundidos.

## 2 - Primeiros passos de *O Pato*

Foi no *Jornal dos Sports* que apareceram os primeiros desenhos de Ciça. Foi lá, também, que ela estreou sua criação mais famosa, *O Pato*. A série foi publicada no “Cartum JS”. Publicado aos domingos, o caderno trazia produções de humor

---

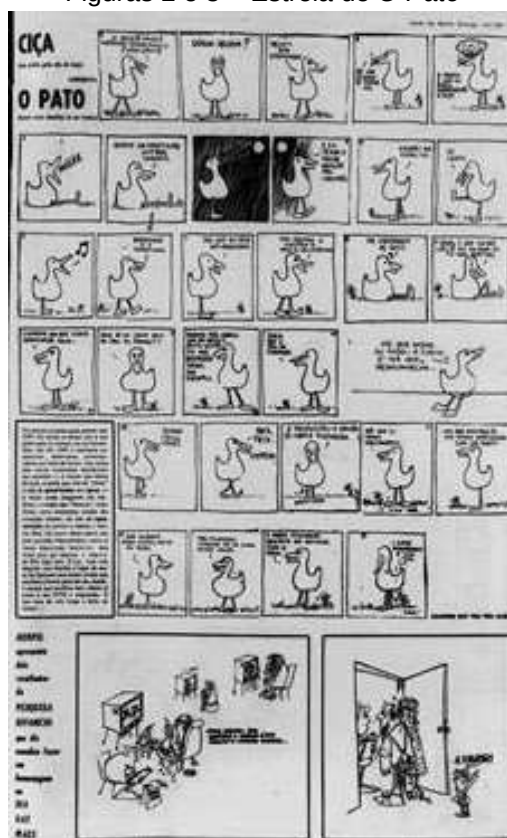
<sup>3</sup> Contato feito via Facebook em 11 de julho de 2020.



gráfico produzido predominantemente por autores nacionais. Na edição de 14 de maio de 1967, 15 tiras cômicas do personagem ocupavam quase toda a página 25 (figura 2). “Quase”, porque, no pé da página, apareciam dois cartuns de Henfil, que também iniciava naquele ano sua participação no diário carioca.

Percebe-se, pelo tom visto na história inaugural (figura 3), que o personagem procurava se diferenciar do ar infantil de muitos dos demais personagens dos quadrinhos baseados em animais.

Figuras 2 e 3 – Estreia de O Pato



Fonte: Cartum JS, *Jornal dos Sports*, 14 maio 1967, p. 25. Disponível em:

<https://ia804607.us.archive.org/7/items/1967-maio-14-domingo-jornal-do-brasil/1967%20Maio%2014%20Domingo%20Jornal%20dos%20Sports.pdf>. Acesso em: 06 set. 2023.

Nessa estreia, aparecia apenas o protagonista. Outros personagens viriam em edições seguintes, como a irmã, a casamenteira Filomena (embora já houvesse menção a ela em uma das histórias iniciais) e o Tico-Tico. A escolha foi desenhar animais de quintal (Crescêncio, 2019; Entrevista, [2014](#)). A proposta era refletir sobre problemas cotidianos da população, voltando a atenção para temas criticáveis via bom-humor e ironia.

As tiras iniciais dividiam a página com um texto, exposto na parte esquerda inferior, que apresentava a autora: “aqui está Ciça”, registrava, “uma jovem artista que escolheu o humor para dar seu recado. E parece que escolheu bem, olhem aí como o seu PATO é engraçado. E tem cara de vida longa e êxito no futuro...” (Jornal, 14 maio 1967, p. 25). *O Pato* foi publicado no caderno até 1º de outubro daquele ano.

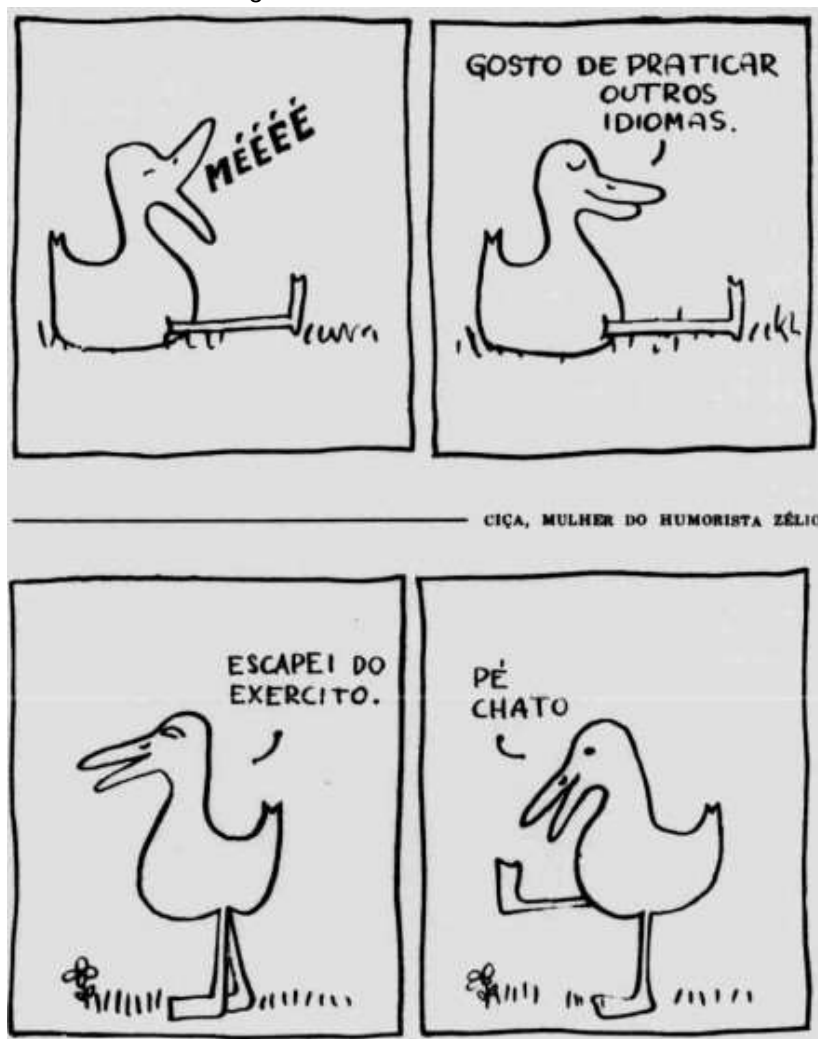
Paralelamente, o personagem fez um passeio em uma das edições de *Realidade*, revista da editora Abril que obteve boa repercussão à época em que foi publicada (abr. 1966 a mar. 1976). Um dos motivos foi a abordagem inovadora ao modo de fazer jornalismo. Conforme explica Kucinski (2001, p. 20):

*Realidade* fazia sucesso com um jornalismo baseado na reportagem social, na discussão crítica da moral e dos costumes, mostrando um Brasil real, em profundas transformações. Era também um jornalismo com ambições estéticas, inspirado no *new-journalism*, o movimento de rebelião estilística dos jornalistas norte-americanos contra a camisa de força da narrativa telegráfica, que introduziu a reportagem jornalística de valor literário, baseada na vivência direta do repórter com a realidade que se propunha a retratar.

Ele ocupava um quarto da página 18, com uma dupla de tiras, cada uma com dois quadrinhos (figura 4), ambas já publicadas em 14 de maio daquele ano na estreia no *Jornal dos Sports*. O nome do personagem e o título da série não eram informados. Constavam apenas as histórias e, entre elas, a identificação da autora: “Ciça, mulher do humorista Zélio”. Foi a única colaboração para a revista.



Figura 4 – O Pato em Realidade



Fonte: *Realidade*, n. 18, p. 11, set. 1967. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213659&pesq=&pagfis=2555>. Acesso em: 01 ago. 2023.

### 3 - Quadrinhos na *Folha de S.Paulo*

A série migrou para a *Folha de S.Paulo* ainda em 1967. A primeira tira na nova casa ocupou a capa da edição de 19 de novembro, um domingo (figuras 5 e 6). A história foi composta em quatro quadrinhos, dispostos como um quadrado, dois em cima, dois embaixo. Ela mostrava o protagonista com ares existenciais. Ele se questiona se ter sido chamado de pato foi “no bom ou no mau sentido”. Na capa, só voltaria a aparecer 53 anos depois, na tira que abre este artigo (figura 1).

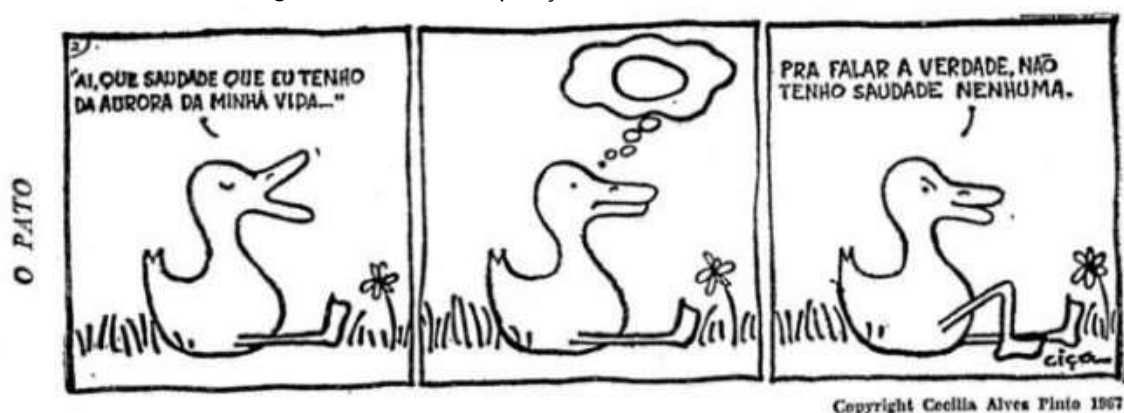
Figuras 5 e 6 – Estreia de O Pato na Folha de S.Paulo



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 19 nov. 1967, capa. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 01 ago. 2023.

No dia seguinte à estreia, não houve página de tiras. Ele retornaria na terça-feira, 21 de novembro de 1967, abrindo a seção de quadrinhos da “Ilustrada” (figura 7). Essa primeira aparição no caderno de cultura marcou o modo como a série seria publicada no jornal nos 20 anos seguintes. Ela compunha o molde das demais tiras, sempre na horizontal e no formato retangular, acompanhada do título (*O Pato*) e do nome da autora, mesmo que, inicialmente, registrado apenas no *copyright* ou na assinatura em um dos quadrinhos.

Figura 7 – Primeira aparição de *O Pato* na “Ilustrada”



Fonte: Ilustrada, *Folha de S. Paulo*, 21 nov. 1967, p. 4. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 01 ago. 2023.

À exceção de um curto período, na década de 1980, era a tira que abria os quadrinhos da página. A série guardava três peculiaridades: era a única mulher presente, um dos poucos desenhistas nacionais em meio ao predomínio de conteúdo estrangeiro (Maurício de Sousa era outro) e abordava temas da realidade. O diálogo com os fatos – entre eles os políticos, em um momento histórico delicado por conta da censura imposta pela Ditadura Militar –, trabalhados de forma metaforizada por meio de seus animais, deu um tom bastante crítico à série.

Segundo Magalhães (2006, p. 54), a autora “foi ampliando seu universo para outros bichos – formigas, galos, galinhas, sabiás e até ovos –, criando personagens e papéis que representavam as relações sociais e o jogo de poder”. Os animais de *O Pato*, conforme registra Silva (2013, s. p.), “encenam as comédias da vida privada”. O núcleo familiar é composto pelo galo Hermes, sua esposa, a galinha e dona de casa Naná, e os filhos – três pintinhos. Eles

“representam uma típica família de classe média brasileira, sempre às voltas com a educação dos filhos, as contas a pagar, a divisão do trabalho doméstico etc.” (Silva, 2013, s. p.).

Em torno desse núcleo familiar, há o Ovo (mostrado com uma casca de ovo na cabeça), as formigas-operárias, sempre às ordens da autoritária formigarrainha (e onde fica mais evidente a metáfora à Ditadura Militar), a cobra Salomé, o caracol Bólido Barbosa, pomba, pavão, sapo, joão-de-barro, borboleta, além dos já citados Tico-Tico e Filomena. Quanto à técnica de produzir humor, Ciça se utiliza frequentemente dos jogos de palavras (um personagem diz algo e outro, depois, modifica o sentido). Ainda é possível verificar o uso da ironia e das já mencionadas metáforas. Segundo ela mesma explica:

Eu comparo com quando você vai cozinhar. Tem todos aqueles temperos, ingredientes, e você precisa saber usar. Com esse de leitura que sempre tive, as palavras estão lá pra mim como “ingredientes”. Eu posso fazer esse prato mais salgado, mais com gosto de ervas... Porque seu acervo de palavras, termos e combinações deve ficar sempre à mão (Borges; Zouvi, 2020, p. 19).

Parte desses ingredientes e dos personagens de suas receitas gráficas aparece também em outro suplemento do jornal, o “Quadrinhos”. Segundo Guimarães (2016), a desenhista passou a publicar esporadicamente a partir do final de 1974, quase dois anos após a criação do caderno. O diferencial era que as histórias tinham mais espaço, não ficando restritas ao formato diminuto das tiras. Algumas passavam de uma página. Ainda de acordo com Guimarães, foram sete produções ao todo. A primeira, com o galo Hermes, foi impressa na edição de 16 de dezembro de 1973 (figura 8).

Até o fim de janeiro de 1974, ela já havia publicado outras cinco histórias em quadrinhos, todas com os personagens de seu quintal de animais (O Pato, o Ovo e duas com Hermes e Naná). As duas últimas participações foram em abril do mesmo ano, em semanas seguidas. Ao contrário dos trabalhos anteriores, este foi feito em parceria com o marido, Zélio. A dupla criou um personagem novo, Arraia-Miúda, um garoto (figura 9). No caderno, houve apenas duas histórias dele, impressas, respectivamente, nos dias 14 e 21 daquele mês.



Figuras 8 e 9 – Primeira (à esq.) e última história publicadas em “Quadrinhos”



Fontes: Quadrinhos, *Folha de S. Paulo*, 16 dez. 1973, p. 12; 21 abr. 1974, p. 5. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Ainda em 1974, Ciza reprisaria a experiência de criação de histórias em quadrinhos com mais páginas em outra publicação, a *Crás*, experiência da editora Abril com quadrinhos exclusivamente nacionais. A revista teve apenas seis números, lançados entre 1974 e 1975. Em parte deles, a desenhista teve trabalhos impressos. O primeiro foi no segundo número, de maio de 1974. Era uma história de quatro páginas, protagonizada por Filomena e com participações de outros personagens de *O Pato*, incluindo ele próprio. Outras foram publicadas nas duas edições seguintes (novembro de 1974 e abril de 1975).

De volta à *Folha de S. Paulo*, Ciza atuou ainda no suplemento “Mulher”, também do jornal. Lá, criou a personagem Bel, uma mãe que convivia com sua filha adolescente e outro de seus raros exemplos de personagem humano (e não humanizado, como ocorria com sua variada fauna crítica e politizada, encabeçada por *O Pato*). A série estreou em 11 de abril de 1982, um domingo, dia em que o suplemento circulava. O formato era de cartum, ainda sem o título *Bel* (figura 10).

A primeira tira que apresenta oficialmente ao leitor o nome da personagem foi impressa em 18 de abril de 1982, domingo seguinte, segundo número do suplemento (figura 11). Ambos são mostrados na sequência, seguidos de história que mostra mãe e filha interagindo (figura 12):

Figura 10 – Cartum de Bel



Fonte: Mulher, *Folha de S. Paulo*, n. 1, 11 abr. 1982, p. 2. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Figura 11 – Primeira história de Bel na forma de tira



Fonte: Mulher, *Folha de S. Paulo*, n. 2, 18 abr. 1982, p. 8. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em 01 ago. 2023.

Figura 12 – Tira de Bel



Fonte: Mulher, *Folha de S. Paulo*, n. 3, 25 abr. 1982, p. 8. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 01 ago. 2023.



Produzir *Bel*, de acordo com Ciça, “era uma curtição” (Crescêncio, 2019), porque na época a artista tinha uma filha adolescente e muitas das histórias eram inspiradas em situações da própria casa, “já tinha a piada pronta”. A intenção da autora era a de representar a mulher, como reforça a Borges e Zouvi (2020, p. 22): “não abria espaço pra homem na tira. Era uma coisa só de mulher”. Apesar da resposta contundente, a realidade mostra que houve casos de aparições masculinas, como se pode conferir na figura 11.

E quanto a *O Pato*? A série foi publicada regularmente no jornal até 21 de novembro de 1985, curiosamente exatos 18 anos depois da estreia. Na derradeira história, os personagens se despedem dos leitores (figura 13). Ao menos, dos de São Paulo. Os do Rio de Janeiro ainda teriam uma sobrevida das tiras via *Jornal do Brasil*.

Figura 13 - Última tira publicada



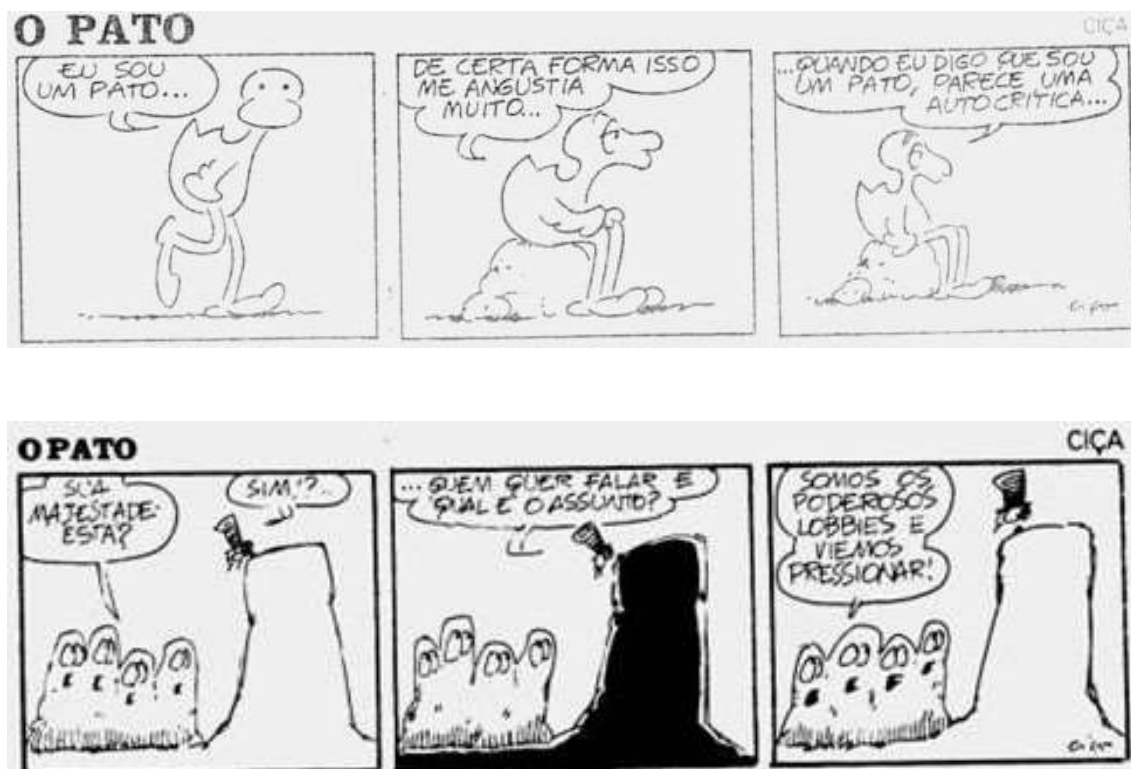
Fonte: Ilustrada, *Folha de S.Paulo*, 21 nov. 1985, p. 44. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Legenda: “- Adeus, pessoal. - Foi muito esses 18 anos juntos. - Adeus. - Adeus. // - Adeus. - Good bye. - Adeus. - Adeus. - Adeus. - Adeus. - Adeus // - Adeus. - Adeuzinho. - Bai-Bai. - Até. - Adeus. - Quase qu’eu perco a despedida. Tchau!”.

#### 4 - Outros voos de *O Pato*

Antes de concluir sua criação mais famosa na *Folha de S.Paulo*, Ciça já vinha publicando *O Pato* no *Jornal do Brasil*. O diário carioca incluiu a série na página de quadrinhos em 20 de setembro de 1982 (figura 14). A parceria durou até 15 de maio de 1985 (figura 15).

Figuras 14 e 15 – Primeira (à esq.) e última tiras no *Jornal do Brasil*

Fontes: Caderno B, *Jornal do Brasil*, 20 set. 1982, p. 7; 15 maio 1985, p. 39. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Tudo indica que era reaproveitamento de material já impresso. A história inaugural do *Jornal do Brasil* era a mesma que abria a primeira coletânea da série, publicada em 1978 pela editora Codecri (a mesma de *O Pasquim*). Nos meses iniciais daquele ano, o jornal alternativo incluiu em suas páginas, mais de uma vez, anúncios do novo livro. *O Pato: 10 Anos* (Ciça, 1978, figura 16) reuniu 144 histórias, duas por página. Ainda pela Codecri, houve um segundo volume, *O Pato no Formigueiro*, lançado no ano seguinte (Ciça, 1979, figura 17).

A série teria ainda duas outras coletâneas. Uma delas, *Pagando o Pato*, era também a mais ampla e completa (Ciça, 1986, figura 18). Com 112 páginas, a maioria delas com cinco tiras cada uma, foi publicada em 1986 pela Circo Editorial. A obra serviu de base para a antologia seguinte, produzida 20 anos depois para a linha de *pockets* da editora L&PM (Ciça, 2006, figura 19). A capa era a mesma, assim como o título. O conteúdo, dado o novo molde editorial, teve apenas uma parcela das tiras incluída. Com quase cem páginas de quadrinhos, trazia duas histórias em cada uma.

Figuras 16, 17, 18 e 19 – Capas dos livros com coletâneas das tiras de Cica



Fonte: Acervo dos autores

Fora das coletâneas, a série voltaria a ser publicada no *Jornal do Brasil* em 1º de maio de 2005, uma vez mais no “Caderno B”. Seguindo uma tradição criada pela própria autora, a tira inaugural mostrava o protagonista se apresentando ao leitor e vinculando o fato de ser um pato a uma eventual autocrítica. Só que, nesta nova retomada da série, ele muda o roteiro: afirma que já não haveria nenhuma autocrítica nisso (figura 20).

Figura 20 – Tira de reestreia de *O Pato* no *Jornal do Brasil*

Fonte: Caderno B, *Jornal do Brasil*, 1º maio 2005, p. B8. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 ago. 2023.



O retorno da tira fazia parte de uma reformulação do caderno de cultura. A capa do jornal daquele dia dizia se tratar da “turma do Ziraldo”. Segundo explica Motta (2018, p. 509), o desenhista e escritor foi um dos responsáveis pela nova cara editorial: “(...) tentou manter o JB com um formato europeu, maior do que o tabloide tradicional, mas bem menor do que o velho *Jornal do Brasil*. O trabalho era de boa qualidade, mas extemporâneo, sem sintonia com as exigências do leitor mais moderno”.

Essa fase trouxe uma novidade: a série foi publicada em cores (os exemplos reproduzidos a seguir estão em preto-e-branco por terem sido digitalizados desse modo no acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional<sup>4</sup>). Uma delas aparecia também em coletânea de trabalhos da revista *Bundas* e do jornal *OPASQUIM21* (Ziraldo, 2005, p. 2-3). Em 28 de dezembro de 2008, a página de quadrinhos do *Jornal do Brasil* foi cancelada. Na última tira, o Pato e o galo Hermes conversam sobre os presentes de Natal e os gastos em excesso nas compras (figura 21).

Figura 21 – Última tira no *Jornal do Brasil*



Fonte: Caderno B, *Jornal do Brasil*, 30 dez. 2008, p. B7. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Em se tratando ainda de personagens bichos, Ciça criou a tira da passarinha Bia Sabiá, especialmente para publicações feministas (Goidanovich, Kleinert, 2011, p. 95). Nas palavras da artista, teve vida curta, reflexo da brevidade dos jornais onde foram impressos: “Era um personagem simpático, mas que pelo tempo reduzido acabou não se fixando” (Entrevista, 2014). Ainda segundo a desenhista, embora retratasse o relacionamento entre homem e

<sup>4</sup> Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 08 set. 2023.

mulher, com a exploração inconsciente do homem, ela “nunca colocava algo agressivo”, apenas mostrava que a vida era assim (Borges, Zouvi, 2020, p. 22).

A título de ilustração, citemos dois exemplos (figuras 22 e 23), ambos veiculados no jornal *Nós Mulheres*, editado pela Associação de Mulheres (de jun. 1976 a jun./jul.1978, um total de oito números), cujo objetivo era expressar o pensamento feminista e político da época:

Figuras 22 e 23 – Bia Sabiá



Fonte: *Nós Mulheres*, n. 1, jun. 1976, [p. 2]. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/nosmulheres/arquivos/NosMulheresn1.pdf>. Acesso em: 08 set. 2023; n. 4, mar./abr. 1977, [p. 9]. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/nosmulheres/arquivos/NosMulheresn4.pdf>. Acesso em: 08 set. 2023.

Além da colaboração para *Nós Mulheres*, jornal pioneiro nessa temática no país, Ciça participou também de outros periódicos da imprensa alternativa voltada ao papel da mulher na sociedade, casos de *Brasil Mulher* (1978 a 1980), *Mulherio* (de 39 números, publicado de 1981 a 1988), além do já citado suplemento “Mulher”, da *Folha de S.Paulo* (Crescêncio, 2019).



## Fechando a exposição

O fim da trajetória editorial dos quadrinhos de Ciça volta ao ponto de partida deste artigo, a tira publicada por ela na *Folha de S.Paulo* em fevereiro de 2020. A presença da história na capa da edição de domingo do jornal, acompanhada de uma entrevista com a autora, atestava por si só a importância dela para os quadrinhos, o humor gráfico e o jornalismo impresso brasileiro. E funcionava como um reconhecimento do próprio diário paulista à participação dela em suas páginas.

Como visto, a história de Ciça se confunde durante um período com a da própria *Folha de S.Paulo*. Não foi lá que *O Pato* deu seus primeiros passos narrativos – isso ocorreu no *Jornal dos Sports* e, meses depois, em uma participação pontual na revista *Realidade* –, mas foi no jornal que o personagem e a série se tornaram conhecidos. E, com eles, a própria autora.

Desbravando um mercado duplamente contrário, por ser dominado por homens e por conteúdo estrangeiro, a desenhista conseguiu impor sua marca nos bichos de quintal que criava, sem deixar de cunhar críticas em uma época em que a liberdade de expressão era tão restrita. A presença em outros veículos impressos, como mostrado, e a inclusão na *Antologia Brasileira de Humor*, em 1976, servem de argumentos para mostrar que havia se tornado uma autora relevante.

Sua atuação se resumiu a idas e vindas do Rio de Janeiro para São Paulo e vice-versa. Foi do *Jornal de Sports* para *Realidade* e *Folha de S.Paulo*. Após as curtas participações nos jornais alternativos de e para mulheres e na revista *Crás*, sua produção volta ao Rio, por duas vezes, via *Jornal do Brasil*. Até retornar de novo à *Folha* em 2020, em participação pontual.

Ciça é relevante para a história da imprensa nacional, dos quadrinhos e do humor gráfico, como atestaram quase todos os autores que se referiram a ela e que foram citados neste artigo. Faltava reunir as peças do quebra-cabeça que construíam a imagem do corpo de sua obra gráfica. A reunião de todas essas informações, precisando as séries, os locais de publicação e as respectivas datas, pode servir de ponto de partida (assim se espera) para futuras e necessárias pesquisas sobre a autora.

## Referências

- ANSELMO, Zilda Augusta. *Histórias em quadrinhos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- ANTOLOGIA *brasileira de humor*. Porto Alegre: L&PM, 1976.
- BORGES, Thiago; ZOUVI, Aline. Quem paga o pato. *Revista Banda*, São Paulo, Ugra Press, n.02, p. 16-25, fev. 2020. [Entrevista com Ciça]. No prelo.
- BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba...* Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1991.
- CAVALCANTI, Lailson de Holanda. *Historia del humor gráfico en el Brasil*. Lleida: Editorial Milenio, 2005.
- CIÇA. *O pato, 10 anos*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- CIÇA. *O pato no formigueiro*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.
- CIÇA. *Pagando o pato*. São Paulo: Circo Editorial, 1986.
- CIÇA. *Pagando o pato*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- CIRNE, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Mauricio de Sousa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. É para rir ou para chorar? O riso feminista brasileiro em tempos de ditadura (1970-1980). *História, histórias*: Revista de Pós-graduação em História da UNB, Brasília, vol. 4, n. 7, p. 109-127, 2016.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. “Tá rindo de quê?” Ou os limites da teoria humor gráfico na imprensa Feminista do Cone Sul. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 10, n. 2, p. 75-92, ago/dez. 2017.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. Bia Sabiá em “o pessoal é político”: (re)invenção do político no humor gráfico feminista de Ciça (*Nós Mulheres*, 1976-1978). *Fronteiras*: Revista de História, Dourados, MS, v. 20, n. 35, p. 117-136, jan/jun. 2018.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. “O humor mostra... como as coisas não devem ser”: uma entrevista com Ciça. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 27, n. 3, out. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/MJxFvVFdL7Q496LmrKdnTKp/>. Acesso em: 5 set. 2023.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima; DANTAS, Érica. Uma história do feminismo no Brasil por meio do humor gráfico (1976-1984). In: WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de (Org.). *Mulheres de luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)*. Curitiba: Appris, 2019. p. 254-279.

DANTAS, Daiany Ferreira. Mulheres cartunistas: traços e rasuras nas fronteiras do estereótipo, *Compós*, s.d. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_829.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_829.pdf). Acesso em: 3 ago. 2023.

ENTREVISTA: Ciça. *Lady's Comics* [homepage]. Publicada em: 14 jan. 2014. Disponível em: <http://ladyscomics.com.br/entrevista-cica>. Acesso em: 3 ago. 2023.

FEIJÓ, Mário. *Quadrinhos em ação: um século de história*. São Paulo: Moderna, 1997.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

GUIMARÃES, Edgard. *Suplemento de quadrinhos da Folha de S.Paulo*. Brazópolis, MG: edição do autor, 2016. Disponível em: <http://www.marcadefantasia.com/revistas/ego/outras-edicoes/pbshq1-10/pbshq3/pbshq3.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2023.

JORNAL dos Sports, Rio de Janeiro, Ano 36, n. 11.842, 14 maio 1967. Cartum dos Sports. Disponível em: <https://ia804607.us.archive.org/7/items/1967-maio-14-domingo-jornal-do-brasil/1967%20Maio%2014%20Domingo%20Jornal%20dos%20Sports.pdf>. Acesso em: 06 set. 2023.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

MAGALHÃES, Henrique. *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

MAIS Malditos Cartunistas – Ciça, *YouTube*, 16 abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ArzBZOdxayI>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MARINO, Dani; MACHADO, Lulu (Org.). *Mulheres e quadrinhos: universidade*. São José, SC: Skript Editora, 2020.

MESSIAS, Carolina Ito; CRIPPA, Giulia. Mulheres nos quadrinhos: invisibilidade e resistência. JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 4as, São Paulo, 2017. *Anais*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qCl47>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MORAES, Alexandra; SEVERINO, Thea. Entre patos e formigas, obra de Ciça compõe fábula política do Brasil. *Folha de S.Paulo*. 23 fev. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/nALSZ>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MOTTA, Cezar. *Até a última página: uma história do Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MOYA, Álvaro de; CIRNE, Moacy. Cronologia comentada das histórias em quadrinhos no Brasil. In: MOYA, Álvaro de et al. (Org.). *Literatura em quadrinhos no Brasil*: acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. p. 120-151.

PARAÍSO, Rostand. *A magia dos quadrinhos*. Recife: Bagaço, 2008.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. *Almanaque dos quadrinhos*: 100 anos de uma mídia popular. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PIMENTEL, Luís. *Entre sem bater!* O humor na imprensa: do Barão de Itararé ao Pasquim 21. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

ROCCO, Luigi. *Tiras brasileiras*. São Paulo: Laços, 2020.

SANTOS, Roberto Elisio. O Brasil através das histórias em quadrinhos de humor. *Cuaderno 74*, Centro de Estudios en Diseno y Comunicacion, p. 153-167, 2019.

SILVA, Alba Valéria Tinoco Alves. Imagem di/invertida: reflexões sobre a representação da mulher em tiras cômicas produzidas por mulheres no Brasil. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 2as., Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo 2013. *Anais*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jmDMY>. Acesso em: 3 ago. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (Org.). *A história em quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Laços, 2011.

ZIRALDO. *Quase toda a história do século xx1 no OPASQUIM21*. Rio de Janeiro: Gampz, 2005.

Submissão: 09.08.2023.

Aprovação: 05.09.2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional